

Luz Cinza

Daniel Cavalcante

ERA UMA TARDE silenciosa e sombria nos arredores de Goiás, o céu carregado de nuvens negras e ameaçadoras. Toda aquela bela paisagem verde, que encantaria os olhos de qualquer morador da cidade grande, estava intimidada pelo clima sobrenatural que pairara sobre o lugar. Tudo parecia cinzento e brumoso, tudo que se movia parecia ameaçador. Animal algum ousava sair de seu esconderijo, tornando o cenário ainda mais surreal. Eu me dirigia à casa afastada de meu amigo Cristian e a viagem se estendia a ponto de me arrepender por ter atendido o estranho pedido na carta de meu excêntrico companheiro dos tempos de faculdade, e o cenário em que eu me encontrava contribuía ainda mais para que eu voltasse pelo primeiro desvio com que eu me deparasse.

A carta pedia a minha presença em sua casa urgentemente, sem maiores explicações, prometendo-as assim que eu fosse recebido na residência. Eu já estava acostumado com o temperamento de Cristian, dado a extravagâncias e exigências exageradas e naquele momento eu me perguntava por que afinal eu decidira atender a tal chamado com exagerada aflição. Na urgência imposta na carta, peguei a estrada que leva à Rio Verde, preocupado com a saúde ou até mesmo a sanidade de meu companheiro e não me ocorrera que meu amigo poderia estar me pregando mais uma de suas peças, fazendo com que eu cancelasse meus compromissos inutilmente. Ao me deparar com a anomalia natural que cercava a cidade, minhas intenções de desistir da visita se multiplicara, mas eu já havia percorrido todo o caminho de uma cidade à outra. Que desculpa eu daria a mim mesmo por desistir? Eu não aceitaria a idéia de que eu retornei depois de oito horas de viagem com medo do mau tempo.

Enquanto os pensamentos perambulavam pela minha mente dispersa, avistei as primeiras casas de Rio Verde. Havia o trevo por onde eu poderia voltar todo o caminho ou avançar e enfrentar seja o que fosse, na cidade sombria ou na casa de meu incógnito amigo.

As casas estavam perdidas nas sombras do estranho dia. Algumas das lâmpadas dos postes estavam acesas, dando a sensação de que a noite invadia o reino do rei sol. As ruas, via eu de longe enquanto reduzia a marcha e rodava pelo acostamento, estavam abandonadas e solitárias. Todo o lugar era solidão. Eu me perguntava se este era o mal de meu amigo. Aquele lugar deveria o ter influenciado o espírito de forma que não pode suportar a terrível angústia da implacável desolação.

Fechei a janela para que aquela maligna influencia não entrasse em meu carro, como se fosse alguma espécie de neblina. Eu chegava ao trevo, a

marcha em ponto morto. Olhei para o retorno. As casas silenciosas estavam à minha frente.

Continuei em frente.

A casa de Cristian ficava naquela região da cidade. Era um bairro afastado, pouco freqüentado e escasso de comércio. Suas casas eram antigas e imponentes, construídas pelos ancestrais das mais importantes famílias da redondeza. Meu amigo adquirira sua casa pelo valor histórico. Cristian era um grande admirador de História e antigüidades. Não me lembro como isso começou exatamente; era leitor assíduo dos grandes clássicos da literatura, freqüentava sebos e bibliotecas antigas. Quando eu me dei conta, ele já estava apaixonado por raros exemplares de livros do século XVIII ou ainda mais antigos. Em pouco tempo, também passou a colecionar outras variedades de objetos raros. Seu fascínio o levou a percorrer vários países da Europa para incrementar sua vasta coleção. Foi então que se mudou para Rio Verde, e desde então eu só o visitara apenas uma vez.

O que o estaria afligindo Cristian? Quando me vi diante à velha e débil morada de meu amigo, tive a impressão de que encontrara a resposta, embora eu não conseguisse transformar essa impressão em idéias concretas e ela logo se desfizesse no instante seguinte. A casa parecia impotente e degenerada, prostrada diante o clima sombrio que se impunha com muito mais vigor e potência sobre ela que ao resto da cidade. Ali, tudo também era de um tom acizentado e triste, as árvores eram melancólicas e o jardim monótono. As janelas da casa pareciam olhos que gastavam suas últimas forças para manter o sono afastado. Senti minh'alma na mais absoluta e inexplicável depressão. Passei um longo tempo ali, dentro do carro, diante o jardim, admirando a casa e a estranha presença do fúnebre em forma de clima natural.

Aquela atmosfera, pensei eu, certamente era o motivo pelo qual eu fora chamado; e a casa de meu amigo, certamente, era a proveniência de tal atmosfera. Mas qual era meu papel naquilo tudo? Se Cristian queria que eu lhe desse uma carona para fingir desesperadamente de sua casa maligna, eu o faria com prazer. Mas eu temia por uma atitude mais inesperada, que seria mais cabível a ele.

Livrando-me de meu torpor, saí de meu carro e bati à porta de aparência frágil e antiga. O próprio Cristian a abriu em pouco tempo.

- Olá! - Disse, me abraçando. - Eu tinha certeza que era você. Ninguém mais se atreveria a me visitar depois dos últimos acontecimentos. Eu o esperava ansiosamente, pois não há outra pessoa a quem recorrer. Entre, entre.

Aceitei o seu convite e entrei naquela casa. Cristian caminhou até uma sala de estar pedindo que eu o acompanhasse. O ambiente estava quase escasso de luz, e a decoração era de cores sempre escuras. Meus olhos demoraram a se acostumar com a pouca iluminação. Enquanto caminhávamos, reparei em todas as peças de antigüidades que meu xenófilo amigo adquirira desde a ultima vez que nos vimos. Indubitavelmente sua paixão, ou melhor, seu fanatismo por raridades se acentuara sensivelmente. Todo o interior de sua casa era decorado por peças do século XIII; móveis imperiais, lustres, quadros, até mesmo telefones que carregavam mais de 100 anos sobre si.

- Minha coleção se tornou um tanto astronômica, confesso - Disse ele ao perceber meu fascínio. - Mas simplesmente não posso mais parar. Se tornou parte do meu ser. Colecionar essas pequenas maravilhas se tornou a minha vida. Olhe, aquela miniatura é uma réplica perfeita do navio San Felipe, construído em 1690. Um dos mais belos navios da frota espanhola. Foram

confeccionados apenas 100 modelos, há 230 anos. Aquele é o Queen Anne's Revenge, o navio de Edward Teach, o Barba Negra, confeccionado por um artista a pedido do próprio pirata. Vê aquele vaso mais alto, com rachaduras e pedaços quebrados? É um vaso Egípcio, da época do Faraó Ramsés I. E aqueles talheres pertenceram a D. Pedro. Não me pergunte como consigo todas essas coisas, eu mesmo não saberia explicar.

Enquanto ele se orgulhava – com razão – de sua coleção, senti a mesma atmosfera que assolava a cidade, mas ali, dentro da casa de meu amigo, senti uma aflição muito superior à que senti ao me aproximar da cidade, ou até mesmo ao estacionar o carro em frente àquela casa. Minha depressão angustiante quase me obrigou a sair dali aos gritos, correr, saltar pela janela entreaberta. Como poderia Cristian viver naquele lugar tão melancólico? E como não fora contagiado pelo desalento que se espalhava no ar como uma epidemia? Comecei a me espantar com aquelas realidades quando observei que a postura de Cristian era de um homem já fatigado e seu andar era lento e arrastado; nada comum para os seus 28 anos. No entanto, sua voz possuía o entusiasmo dos tempos da faculdade.

Nos sentamos em uma poltrona, onde ele deu algumas palmadas dizendo ter-las adquirido na China, e pertencera à dinastia real. Entre nós, uma mesa que parecia tão frágil quanto antiga, com louça de alguma dinastia de condes de não-sei-aonde, onde se servia de suco de laranja, torradas e bolo também de laranja. Ali também estavam agrupadas alguns objetos mais sinistros, de origem que não me atrevi a sondar. Quadros de arte gótica e mórbida, de gosto duvidoso, pendiam nas paredes. Lustres no alto de minha cabeça pareciam ter mais idade que o próprio tempo. O tapete onde pisávamos possuía desenhos tão detalhados que me eu me entreteria por vários minutos a desvendar, não fosse o aspecto tenebroso e cores negras, que logo me causaram repulsa.

Ali, de frente para a janela aberta, que deixava entrar e pousar sobre nós a luz cinza e desanimadora, pude apreciar mais detalhadamente a face de meu amigo. Céus, antes não o tivesse feito. Seus olhos eram fundos e pesados, como se não repousasse há dias; rugas surgiam em várias partes, como se já avançasse para a casa dos 40 anos. Seus cabelos estavam desarrumados e tive a impressão de ver fios brancos. Sob a luz insólita e brumosa da rua deserta, sua frente adquiriu uma aparência assustadoramente anômala.

- Chamei-lhe aqui por motivos inexplicáveis – Disse ele, segurando nas mãos um livro de aparência detestável, com capa de couro bruto e páginas amareladas. – Penso que perecerei em pouco tempo. – Imaginei que ele comentaria comigo sobre a sinistra atmosfera que o envolvia, mas sua estranha revelação me causou um sobressalto.

- Está doente? – perguntei, com mais preocupação em minha voz do que eu gostaria de expressar. Engoli uma torrada.

- De certa forma. Mas creio que padeço de um mal insondável.

Naquele instante, imaginei que toda aquela anomalia provinha de algo naquela casa. Nunca fui dado a crer em fenômenos paranormais, mas as circunstâncias me levaram a reavaliar meus princípios e ideologias. Algo estava acontecendo e afetava meu amigo. Querendo livrá-lo de qualquer perigo, seja o que o estivesse causando, mas sem magoá-lo, insinuando algo sobre a casa ou sua coleção de objetos estranhos e pavorosos.

- Não quer passar algum tempo em minha casa? Tenho certeza que se sentirá melhor se afastando um pouco da rotina, da solidão e da melancolia que há por aqui. Você sabe, eu...

- Jamais – Interrompeu-me indignado. – Jamais me afastaria daqui. Não com todo esse tesouro. Ficaria tudo à mercê de ladrões. Os antiquários – e isso é o que não falta nessa maldita cidade – pagariam qualquer preço pela mais singela peça que se encontra entre essas paredes. Você não sabe o valor dos objetos que está apreciando.

Silenciei-me, procurando alguma saída. Quis lhe dizer que sua vida valia mais do que qualquer uma daquelas aberrações. Por alguma razão eu sentia cada vez mais repulsa e ódio por toda aquela parafernália que jazia ali nas sombras sinistras que cercavam meu amigo durante a maior parte do tempo. Eu soubera, através de um amigo que tínhamos em comum, que Cristian largara o trabalho para se dedicar exclusivamente à sua coleção. Sendo ele de bem afortunada família, não houve argumento forte o suficiente para convencê-lo a mudar de idéia. Agora eu via o resultado da minha falte de perseverança refletido na saúde de meu maior companheiro desde o colegial.

Pensando nisso, tentei persuadi-lo de todas as formas, apelando de todas as maneiras para que ele deixasse aquela casa por algum tempo, melhorar sua qualidade de vida. Aos poucos, ele admitiu que já não saía das dependências da residência havia duas semanas.

- Algumas vezes eu ia até o jardim cumprimentar alguns vizinhos, os quais muito aprecio; durante a noite eu saía para comprar alimentos, mas quando minha dispensa se enchia eu passava dias seguidos dentro de casa. Não sou fóbico ou antisocial, compreenda. Mas meu lar se tornou tudo o que eu gostaria ter em minha vida. Aqui há tudo que aprecio. Há entretenimento, jogos antigos, livros nos quais aprendi muito mais que na faculdade, discos valiosos e maravilhosos...

Quando o ouvi falar em discos, meus olhos pousaram instantaneamente na vitrola à manivela repousada sobre uma mesa de madeira muito bem lubrificada.

- Sei o que está pensando – disse-me. – Pensa que estou louco e que morrerei com a solidão que me levará à loucura. Talvez eu acabe cometendo suicídio quão logo minha vida não tiver sentido. Pensa que preciso sair, respirar o ar do presente, e não o pó ancestral e centenário de minha coleção. E tens razão, de certa forma. Reconheço meu erro, talvez seja essa a minha esperança de salvação da loucura que me acometeu. Porém, o mal que me refiro não é este. Conheço muito bem os perigos que corro levando essa vida pouco saudável e sedentária. O mal do qual me refiro é muito maior do que todas essas preocupações. Veja meu rosto: está envelhecido. Veja minhas mãos: estão fracas e pálidas. Sinto dores nas costas ao levantar e minha vista já não é mais a mesma. Talvez você ainda acredite que o problema seja meu dia-a-dia, mas já lhe adianto que sedentarismo ou isolamento algum causam esses sintomas. Sinto que há algo... uma força por traz disso.

Permanecemos algum tempo em silêncio, saboreando o jantar. Tudo aquilo fervia em minha mente e não podia mais organizar meus pensamentos. Olhei para o magnífico *cuco* na parede. Os ponteiros marcavam 10:45 da noite.

- Desculpe, eu me empolguei tanto que me esqueci do tempo – disse ele, como se adivinhasse meu pensamento. – Você deve estar cansado pela viagem. Presumo que queira repousar. Preparei o quarto de hóspedes. Me siga.

Cristian Levantou-se com certa dificuldade e subiu as escadas que levavam a um corredor ainda mais escuro que a sala onde estávamos. Cristian

Acendeu um lampião pregado na parede e me levou a um quarto bem espaçoso e aconchegante. Apenas a presença de parte da coleção já insuportável de Cristian me desagradou.

- Me desculpe, eu não tinha outro lugar onde guardar essas peças – disse, parecendo adivinhar novamente meus pensamentos.

- Não tem problema. Apreciarei-as enquanto o sono não vier – Menti.

- Ótimo – Ufa!, pensei, ele não adivinhou meus pensamentos dessa vez. Bom descanso. Tenho costume de acordar tarde, por isso, caso desperte cedo, esteja à vontade para comer o que quiser na geladeira. Já sabe como é.

Sim, eu sabia. Eu e Cristian éramos como irmãos, e nunca nos intimidamos um na casa do outro. E aquela vez não era diferente – ao menos naquele momento, em que, pela primeira vez desde o jantar, eu via um pouco do Cristian que eu conhecia. Sorri e entrei no quarto, fechando a porta atrás de mim.

Eu não estava com sono. Tudo aquilo mexeu muito comigo e a última coisa que queria era dormir. Precisava pensar em algum modo de ajudar meu amigo. Estava com fome, mas não me atrevi a andar por aquela casa escura e encarar aqueles objetos repulsivos sozinho. As peças que haviam em meu quarto não eram menos odiosos. E ainda havia o terrível clima, o mesmo que senti ao chegar na cidade. À noite, ele parecia mais pesado e mais influente. Olhei para castiçais, velas, um baú, um armário, tudo pelo menos mais velho que minha avó. Não eram tão repugnantes agora. Apenas lúgubre. Me senti derrotado pela depressão que aquela atmosfera causava e me deitei, abatido. Adormeci em pouco tempo.

Permaneci na casa de Cristian por cinco dias. Quero deixar claro que esse tempo foi agradável à minha alma no que diz respeito à companhia que fazíamos um ao outro. Não consegui tirá-lo de casa por nenhum momento – confesso que pouco tentei. Eu mesmo me encarregava de seus afazeres fora de casa e ia ao mercado. Não tocamos mais no assunto do dia que cheguei e procuramos ter momentos agradáveis. No entanto, jamais me acostumei com aqueles objetos que cada vez mais pareciam me detestas tanto quanto eu a eles. Por muitas vezes, eu e Cristian compartilhamos juntos, em silêncio, a dor, a melancolia, a desolação e a insipidez que a nuvem de desalento nos impunha. A atmosfera invisível, que antes apenas se sentia, parecia se tornar, cada dia que passava, uma névoa carregada e cinzenta, que roubava as cores de tudo ao nosso redor. Logo eu tive certeza de que aquela neblina, proveniente dos abismos insondáveis trazidos à tona por alguma das relíquias profanadas por meu amigo, era a responsável pelo mal que sofria meu amigo. A cada dia, novas rugas apareciam em seu rosto, as dores se intensificavam, sua força o abandonava. Seus cabelos caíam rapidamente, deixando-o calvo e dando-lhe horrendamente uma aparência de um homem de meia-idade. Eu acompanhava o espetáculo com pavor e assombro mal disfarçados. Cristian Notava minha reação e fingia não reparar. Minha companhia era tudo o que ele queria naqueles dias. Recusava veementemente qualquer ajuda médica, com sua voz cada vez mais rouca.

- Devo morrer nessa casa, – dizia – entre essas malditas maravilhas que colecionei durante minha curta vida. É tudo que me resta. Sinto que não há mais nada que possa me salvar, e não pretendo agonizar em agulhas e misturas químicas, ou ser tratado como um velho, comendo papa e ouvir a voz

de uma enfermeira falando como se eu fosse uma criança; porque é assim que tratam os velhos.

Muitas vezes a penúria em meu coração e minha mente quis me forçar a abandonar o lugar e voar em minha máquina o mais rápido possível, para a cidade grande, para a praia, o sol vivo, lugares coloridos e alegres, onde cantam pássaros, onde há vida. Mas minha amizade por Cristian sempre falou mais alta e eu desistia no último momento. Eu não podia negar minha companhia naqueles momentos.

Também devo acrescentar que minha mente, diante de todos aqueles fenômenos, apenas resistiu à loucura graças às alegres conversas com Cristian, que se tornaram possíveis, apesar de toda a nebulosa depressão que nos envolvia, creio eu, devido a nossa união que perdurou durante todos esses anos. Rimos de nossas lembranças dos tempos de faculdade, de tantos momentos compartilhados.

Mas esse esboço de alegria não durou muito tempo.

A casa, antes amargurada e abatida pela tristeza, agora suplicava, moribunda, fúnebre e funesta. Suas paredes decadentes e cinzas e, apesar de intactas, pareciam apodrecer. A escuridão agora compartilhava seu lar com um ar frio, de tremer os ossos, ainda que protegidos por cobertas e roupas apropriadas. A loucura naquele lugar maldito era eminente.

Certa noite, sem conseguir adormecer, perambulei em meu quarto, por entre aqueles objetos asquerosos, desejando atirá-los pela janela. Eles simplesmente me olhavam, apáticos e sonuculosos, envoltos sufocantemente pela neblina invisível de amargura. Senti minha alma presa em um abismo de inconsolável languidez, quase uma catatonia mental. Se eu permanecesse ali por mais um minuto me atiraria contra a janela daquele execrável sobrado. No ápice da angústia que carcomiam meu espírito, destruí todos as peças perversas, com fúria incontrolável. Com um candelabro pesadíssimo, golpeei todas as peças que pude, partindo o que era frágil em pedaços que suplicavam, moribundas no chão.

Após me deter pelo cansaço, caí de joelhos no chão. Pelas frestas das tábuas do assoalho, pude ver uma luz fraca e oscilante. Concluí que Cristian também não conseguira o sono. Abri lentamente a porta e descí as escadas.

Aquilo deve ter ocorrido por volta de uma da manhã. Me dirigi lentamente, tateando no escuro, desviando dos objetos funestos, até alcançar o quarto de leitura de Cristian.

A visão que tive ali, inicialmente indecifrável, mas que logo me foi revelada por completo em toda a sua terrível e tétrica verdade, fez chegar ao extremo meu pavor e meu espírito não pôde suportar aquele pesadelo. Por mais que Cristian fosse meu companheiro e por mais que eu o amasse, jamais poderia eu, naquelas condições, com os nervos em frangalhos, enfrentar para fazer algo a respeito e mudar o desgraçado destino de Cristian. Meu ímpeto foi de simplesmente dar passos desastrados para trás e correr para longe dali, longe de todas aqueles objetos malignos, daquela casa profana, fugir em meu carro para o lugar mais longe que ele pudesse me levar.

Ainda hoje, ao relembrar todos os detalhes daqueles dias para descrevê-los, minha alma se rói de remorsos por ter agido tão covardemente. Penso que talvez eu pudesse mudar ou desfazer a desgraça, se agisse rápido. Mesmo sem saber o desfecho daquela tragédia, eu poderia concluir quais seriam as

terríveis e fulminantes conseqüências se – ou quando - aquela vela impronunciável e herege queimasse o último centímetro de seu pavio. Outras vezes, me convenço, ou tento me convencer, que seria impossível reverter aquela situação horrenda, e nada eu podia fazer.

Ao ver as colinas e paisagens de estradas como a de Santos, sempre imagino ver uma névoa quase imperceptível, tornando o verde em um cinza escuro e fúnebre. Sei que seria impossível, depois de tudo o que vi naquela sala de leitura, mas minha mente já não recusa qualquer situação que exija cautela, por mais improvável que seja.

Naquela noite, eu pressentia o pavor que rondava pela casa e a terrível visão que me aguardava. A sala de leitura estava no mais completo silêncio, e apenas a luz de uma vela sustentava a claridade opaca naquele lugar. A única vela acesa estava em um castiçal dourado, de ricos detalhes em arabescos góticos. Tudo ali que estava iluminado também era estranhamente cinzento, apesar de poder distinguir as cores. Ouvi um sussurrar no canto à direita da mesa, onde a estante de livros fazia sombra, impedindo a iluminação pela vela, que só podia iluminar o lado esquerdo.

- Esta vela foi fabricada no século XVII, embora muitos digam que ela vem de tempos imemoriais – disse o sussurro, cuja voz lembrava vagamente a voz de meu amigo – Ela pertenceu a muitas pessoas, mas ninguém jamais a usou. Seu valor é inestimável devido a sua arte artesanal. Você provavelmente não pode ver a figura que ela representava.

De fato, a vela já estava gasta, quase até o fim.

- Ela possuía a forma de um ser grotesco e de feiúra indescritível; porém, muito influente. Os antigos, segundo livros nórdicos que encontrei, costumavam sussurrar lendas proibidas sobre o ser que só existia na figura dessa vela – ao menos nunca foi encontrado tal ser em outras esculturas ou quaisquer forma de arte que não tenha sido *copiado* do original (a vela). Fiquei muito intrigado ao ler tais estórias, e foi uma grande coincidência encontra-las logo após adquirir a vela. Naquele século, muitos artistas diziam ter sonhado ou até mesmo visto tal monstro, que é tratado pelas “testemunhas” como um deus. A criatura possuía corpo de um búfalo cinza, embora fosse bípede. O nariz era extremamente grande e as narinas muito abertas. Os chifres pareciam ter escamas e, segundo a lenda, eram regeneráveis. Tentáculos estavam sobre sua cabeça e tinham a capacidade de se esticar infinitamente para agarrar alguma presa. Nas extremidades dos tentáculos haviam orifícios por onde se alimentava de carne humana oferecida em sacrifícios. A expressão era maligna e, diziam as “testemunhas”, espalhava o cheiro da morte. Andava, o deus, envolto em uma névoa cinzenta quase imperceptível.

Eu ouvi atentamente a estória do ser representado na vela, mas ainda não entendia o significado daquilo tudo. Após algum tempo de silêncio apenas quebrado por tosses e pigarros, ele continuou.

- Ele era chamado de Q’prã, o deus da tristeza. Todo aquele que o visse em pessoa, fitasse seus olhos cinzentos e melancólicos, seria acometido por depressão tão intensa e cruel que o suicídio seria questão de dias.

Olhei para o toco de cera que restara do monstro arrepiante. Eu não podia acreditar no que meu amigo estaria sugerindo.

- Essa estória sempre me fascinou. As lendas proibidas iam mais além. Elas advertiam a respeito da chama dessa vela.

Cristian continuava no rumo em que eu tentava me desviar. Riu como se risse de algo tolo.

- Eu estava curioso a respeito da chama. – rindo novamente – E acendi o pavio.

Reparei então, pela primeira vez, na chama da vela, que oscilava, mas se erguia firme e resoluto, e percebi algo que não havia notado antes, talvez pelo destaque que a estória de meu amigo dava à arte de cera, que havia há muito se tornado disforme. Também me enganara o fato de tudo ali ser cinza, desde o dia que eu chegara, mas só então percebi que a própria *chama* que a vela produzia, assim como sua luz, era *cinza*. Uma luz que não era luz, uma luz escura. Toda aquela aura, a atmosfera cinzenta e deprimente que nos cercava provinha daquela vela profana.

- Eu apenas queria saber o que aconteceria, ou melhor, provar a mim mesmo que tudo era tolice de pessoas ingênuas. Eu não derreteria uma vela única e inestimável.

Olhar para aquela chama medonha me causou a maior das angústias e opressões que já sentira. Caí prostrado, aos berros, como que querendo expulsar os sentimentos de dentro de minhas entranhas.

- Eu perdi uma peça sem preço – ele continuou a falar, rindo de modo estranho e alucinado.

A luz, ou seja lá o que fosse, oscilava muito entre o forte e o fraco, pois o pavio estava quase no fim. Repentinamente a chama ganhou vigor, iluminando lugubrememente grande parte da sala, inclusive a penumbra onde meu amigo se protegia de meus olhos. A luz cinzenta clareou o rosto de Cristian. Ao perceber que eu o via, cobriu o rosto com as mãos, mas logo mostrou, penosamente, sua face. Céus! Gostaria de apagar da minha mente a cena que até hoje perturba meus nervos e meus sonhos.

Cristian tinha o rosto de um ancião cuja idade insondável lhe roubara o vigor e a força que deveria ter. Me ajoelhei diante do resto de vela, e observei que o formato que as gotas de cera que escorreram, deixando sua trilha e dando novo aspecto à vela, se parecia, de alguma forma abstrata, com o rosto envelhecido de Cristian.

Quando a vela, ou o que restara dela, à minha frente, deixou escorrer mais uma gota de sua cera execrável, vi aparecer mais uma grande ruga no rosto daquele homem agora irreconhecível.

Ao ver aquilo e cogitar o que a cena sugeria, meu coração se encheu de pavor, maior que o medo provocado por qualquer dos pesadelos. Me levantei e soprei aquela chama, que balançou, vacilou, mas logo voltou à sua forma normal, cinza. Cuspi nela, atirei-a ao chão, mas a chama persistia.

Um pedaço de cera amolecida pelo calor da chama caiu para o lado de dentro do resto da vela, que formava uma cova onde cera era transformada em líquido. Este pedaço se derreteu por completo rapidamente e tive medo de olhar novamente para Cristian, mas foi inevitável. Ergui os olhos para ele e o que vi foi tão pavoroso quanto surreal. Sua face parecia derreter ou ser sugada para *dentro*, deixando os ossos explícitos, os olhos fundos; o que sobrara do cabelo caiu.

- Eu ia apagar a chama no minuto seguinte. – disse, em voz enfadonha e vacilante, a pseudo-vida que um dia fora Cristian – Mas... adormeci... e me esqueci por completo... só hoje vi que ela ainda brilhava, em seu resto de pavio... tentei apagá-la... Mas... por Deus... ela não se apaga... não se apaga não se apaga não se apaga.